

COMPETÊNCIA

FEMININA **nos** por Maria Fernanda Romero **estaleiros**

Bonitas, sensuais e... frágeis. Frágeis? Ora, já foi o tempo em que as mulheres eram estigmatizadas por somente cuidar da casa e dos filhos! Hoje, elas conquistaram espaço em diversos setores profissionais, inclusive naqueles caracterizadamente masculinos como a indústria naval, onde elas já fazem sucesso tanto no canteiro de obras como na administração ou desenvolvimento de empreendimentos.

Vencendo preconceitos, elas batalharam para conseguir espaço e desempenhar funções que iam muito além dos cuidados com os filhos e com o lar. Dedicadas, logo tiveram seu empenho reconhecido, e passaram a brigar de igual para igual com os homens por oportunidades profissionais.

Num tipo de trabalho historicamente ocupado por homens, as mulheres começaram a marcar presença no setor naval, seja participando do processo de modernização organizacional da nova indústria, no árduo trabalho como soldadoras, técnicas em inspeção, ou no quadro de oficiais-marinheiros, a presença feminina não pára de crescer, e convencer.

Marinha foi a pioneira

A participação das mulheres na Marinha do Brasil (MB) se deu de forma pioneira em relação às Forças Armadas brasileiras. Em 1998, criou-se o Corpo Auxiliar Feminino da Reserva da Marinha (CAFRM). Logo depois surgiram os Quadros Complementares (QC) e o Quadro Auxiliar Feminino de Oficiais (QAFO) para ajudar a suprir as vagas não preenchidas, com novas admissões de pessoal civil na área da saúde, especialmente no Hospital Naval Marcílio Dias, na cidade do Rio de Janeiro (1990).

Exército e Aeronáutica aprenderam com os erros e acertos da MB. A Aeronáutica permitiu o ingresso feminino em 1982, e o Exército criou o Quadro Complementar de Oficiais somente em 1990. Mas esta experiência foi decisiva para a própria MB, porque no Exército homens e mulheres pertencem ao mesmo quadro para o exercício de funções técnicas, o que foi considerado mais conveniente e adequa-



Foto: Alton Santos

HAKONE
CA-19992



DEVIDO À INFLUÊNCIA DO MEU PAI,
SEMPRE GOSTEI DA INDÚSTRIA
NAVAL. FIZ UM CURSO DE SOLDA
NO SENAI E LOGO DEPOIS FUI
CONTRATADA AQUI PELO ESTALEIRO.



Edilene Aparecida Souza dos Santos,
estaleiro Wilson, Sons



Sabrina Gonçalves da Silva, Bianca Gomes Paschoal e Florentina Francisca de Melo, do estaleiro Mauá.

do aos padrões de modernização organizacional, tanto no sentido administrativo quanto no sentido cultural.

Assim, a MB reviu a sua posição e reformulou a admissão dos homens e mulheres a partir de 1997, para as funções técnicas. No início, as oficiais construíram a sua trajetória formando certo espírito de corpo e buscando ampliar os horizontes após um período estabelecido para a adaptação. Assim, formaram seu coral, hino e insígnia em 1981, agregando-os às outras atividades que despertam o senso de "disciplina, sentido de propósito e certeza de escolha, de amor à MB e ao Brasil", conforme a divulgação feita pelo CAFRM.

O choque inicial da presença feminina extrapolou os limites do Centro de Instrução Almirante Alexandrino (Ciaa) e se espalhou pelas outras unidades da MB à medida que as oficiais iam se incorporando ao serviço como estagiárias e, em seguida, como encarregadas de um e outro setor. A população civil também teve que

se acostumar a ver/conviver com mulheres fardadas de branco ou cinza, exercendo funções dentro de uma área tradicionalmente dominada pelos homens.

Ao longo do tempo, as mulheres foram conquistando novos espaços e solidificando sua atuação na corporação. Isto resultou na mudança de postura quanto à sua presença, sendo consideradas cada vez mais aceitáveis por seus colegas e pelos civis em nome da eficiência, autodisciplina, criatividade, flexibilidade e uma boa dose de charme e elegância.

O ingresso de mulheres na Marinha revelou-se um desafio cultural e organizativo, tendo provocado alterações, em nível interno, tais como mudança de uniformes, remodelação dos navios, alojamentos em terra, adoção de cuidados de gestão que permitem o natural desenvolvimento das carreiras dos militares femininos, em conformidade com os masculinos, entre outros.

A progressão na carreira, estabelecida na legislação aplicável, é absolutamente igual para mili-

tares de ambos os sexos, tendo ambos que frequentar as mesmas ações de formação e exercícios de embarque. A presença das mulheres na Marinha é exemplo de um desafio superado.

As belas do estaleiro

Deixando de lado o preconceito e as crendices populares, a indústria naval brasileira, considerada uma das mais promissoras, vem investindo na mão-de-obra feminina. As mulheres já representam 10% da força de trabalho nos estaleiros de Niterói e São Gonçalo, municípios da Região Metropolitana do Rio de Janeiro.

Além disso, o Sindicato dos Metalúrgicos de Niterói e Itaboraí estima que, dos 16 mil trabalhadores em atividade na indústria naval, mais de mil são mulheres, atuando em diversas especialidades, como projetistas, soldadoras, eletricitistas e instrumentistas.

No estaleiro Mauá, em Niterói, as mulheres já estão presentes no quadro dos funcionários, e são responsáveis por serviços de inspeção, supervisão de setores específicos do estaleiro etc. São mais de dez mulheres realizando atividades na área naval, um número relativamente baixo. Na área técnica, porém, elas estão cada vez mais presentes.

Aos 32 anos, Bianca Gomes Paschoal é a engenheira responsável pela inspeção de fabricação de tubulações das plataformas de Mexilhão e Olinda Star. Única engenheira do setor no estaleiro, desde jovem nutria uma admiração pela construção naval, e por isso resolveu ingressar na profissão. "Meu pai é químico, também nessa área industrial, e sempre me levava em obras quando pequena. Acho que, por acompanhar de perto as atividades dele, fui me

encantando pela área aos poucos, o que me motivou a fazer engenharia. Comecei como estagiária de técnica em mecânica, e estou aqui no estaleiro há sete anos. Quando cheguei era a única estagiária mulher na época.”

A inserção da mulher no mercado de trabalho vem sendo acompanhada, ao longo desses anos, por um elevado e indisfarçável grau de discriminação. Bianca diz que ainda há preconceito com relação às mulheres que atuam em atividades de predominância masculina, e revela que, de vez em quando, é alvo de brincadeiras nem sempre agradáveis durante o trabalho. “Existe preconceito sim, mas nunca passei por nenhuma situação mais séria. Quando eles brincam nem ligo. Estamos aqui justamente para quebrar essa imagem distorcida da fragilidade da mulher no mercado de trabalho”, afirma.

Com as oportunidades de trabalho que decerto serão criadas pela abertura de novas fronteiras, como os reservatórios de óleo e gás no pré-sal, o estaleiro Mauá e outras empresas que atuam na construção naval correm para vencer desafios tecnológicos e econômicos, e se preparam para atender às encomendas que virão.

Qualificação profissional

Há muitos investimentos reservados para a formação de mão-de-obra e, pelo menos no Mauá, há uma grande satisfação com os altos índices de aprovação das turmas do Programa de Qualificação Profissional, iniciativa da casa, que atingiu percentual de aproveitamento de 93% na turma de 84 candidatos a postos de soldador.

Motivada pela complexidade do setor, Bianca tem pós-graduação em Gestão da Qualidade

INICIEI CARREIRA COMO ESTAGIÁRIA EM UMA FÁBRICA DE TINTAS ONDE TRABALHAVA NO LABORATÓRIO. QUANDO COMECEI A CONHECER ESTALEIROS, ME APAIXONEI PELO SETOR NAVAL E TRABALHEI POR DEZ ANOS NO SETOR. DEPOIS DISSO, ENTREI NO MAUÁ E LOGO FIZ CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM INSPEÇÃO. ACREDITO QUE O PROFISSIONAL TEM QUE ESTUDAR SEMPRE, SE ATUALIZAR E FAZER DIFERENTES CURSOS.



Florentina Francisca de Melo,
química do Estaleiro Mauá

Total, e é uma das funcionárias que realizou cursos do programa de qualificação, promovido pela empresa niteroiense. “Os cursos realizados aqui são de fato muito bons. Fiz o curso de inspeção de soldagem, mas pretendo fazer outros. Tenho sete anos de estaleiro, mas acho muito importante o profissional não parar de estudar”, assegura.

Com 20 anos de profissão, a química Florentina Francisca de Melo, de 45 anos, também acredita na importância dos cursos no currículo de um profissional, e apesar de já ter feito especialização em formulação de tinta em outro estaleiro, também participou do curso do Mauá.

“Iniciei carreira como estagiária em uma fábrica de tintas onde trabalhava no laboratório. Quan-

do comecei a conhecer estaleiros, me apaixonei pelo setor naval e trabalhei por dez anos no setor. Depois disso, entrei no Mauá e logo fiz curso de especialização em inspeção. Acredito que o profissional tem que estudar sempre, se atualizar e fazer diferentes cursos”, acredita a funcionária.

Florentina conta que, quando iniciou na profissão, foi a primeira mulher a ingressar na parte técnica de um estaleiro. Há cinco anos no Mauá, diz que discriminação sempre existiu, mas que não abre espaço para os homens fazerem brincadeiras enquanto trabalha.

“Independente de ser mulher, sou uma profissional e encontrei as portas abertas aqui no Mauá, assim como eles [homens]. Infelizmente o preconceito existe, mas nós superamos mostrando, através da nossa capacidade, que as mulheres são tão boas ou melhores que os homens nas atividades que desempenham”, afirma.

Florentina, que é casada e tem dois filhos, diz que no início sua família se surpreendeu com a decisão de ingressar nesta atividade, mas que depois reagiram bem. “Naquela época, o mercado era muito mais fechado em torno dos homens do que nos dias de hoje. No começo meu pai achou esquisito, afinal era a única mulher no setor, mas nunca me fizeram desistir. Sempre me apoiaram”, revela.

A mulher no mercado de trabalho atual

A sociedade, atualmente, apresenta várias oportunidades de crescimento profissional, as quais estão sendo disputadas por profissionais cada vez mais qualificados. Para se destacar é preciso ser cada vez melhor nas atividades que lhe são atribuídas. Com as qualidades pessoais, tor-

na-se possível conseguir melhores resultados frente ao concorrido mercado de trabalho.

Hoje o perfil das mulheres é muito diferente daquele do começo do século. Além de trabalhar e ocupar cargos de responsabilidade assim como os homens, ela aglutina as tarefas tradicionais: ser mãe, esposa e dona de casa. Trabalhar fora de casa é uma conquista relativamente recente das mulheres. Ganhar seu próprio dinheiro, ser independente e ainda ter sua competência reconhecida é motivo de orgulho para todas.

Segundo a engenheira Bianca Phaschoal, as mulheres se adaptam melhor ao mercado de trabalho. Homens funcionam melhor quando têm de realizar uma única tarefa de cada vez, enquanto as mulheres são mais dinâmicas e conseguem realizar três ou quatro tarefas ao mesmo tempo.

Já a química com 20 anos de mercado, Florentina Melo, acredita que as mulheres detêm maiores vantagens quanto ao sucesso profissional no mercado. As mulheres são muito mais atentas, detalistas, utilizam a sensibilidade e a para realizar suas atividades. Além disso, a superação quanto à discriminação que muitas vezes sofrem, elevam ainda mais sua competência no trabalho.

A operadora de terminais portuários Wilson Sons, que controla o Terminal de Contêineres (Tecon) do porto do Rio Grande desde 1997, também tem mulheres ocupando cargos que predominantemente são exercidos por homens. Com cerca de 900 funcionários, mais de 20 são mulheres.

A empresa, que contrata mulheres há cinco anos, reconhece a competência feminina e admite que antes a concorrência era desleal, pois as mulheres não tinham formação especializada, ao con-



Maria Gilvaneide da Silva Parra, do estaleiro Wilson Sons

trário do cenário atual, onde houve uma ampliação das mulheres no mercado de trabalho e hoje são presenças constantes nos processos seletivos do setor.

Preconceito superado

Filha de um soldador, aos 24 anos de idade, Edilene Aparecida Souza dos Santos, desde pequena conhecia a área naval e após ter realizado um curso específico do setor, seguiu a profissão do pai e hoje é uma das funcionárias da empresa. "Devido à influência do meu pai, sempre gostei da indústria naval. Fiz um curso de solda no Senai (Serviço Nacional da Indústria) e logo depois fui contratada aqui pelo estaleiro", conta a jovem profissional.

A jovem, com apenas oito meses de trabalho na Wilson Sons, tem ambições dentro da empresa e atualmente está fazendo outro curso do Senai. Além disso, a soldadora, conta que apesar das mulheres realizarem as mesmas atividades que os homens e serem tratadas de forma igual pela empresa, no início da carreira ainda houve preconceito. "No começo ainda tinha preconceito, mas hoje, não. A realidade mudou os homens viram que o cenário do mercado é outro, as mulheres são presença constante. Conte com

o apoio da minha família quando entrei, pois meu pai já estava na área também, então foi tranquilo", revela.

Apesar de terem seguido o mesmo rumo, trabalhar na Wilson Sons, a funcionária Maria Gilvaneide da Silva Parra tem uma história bem diferente da da jovem Edilene. Casada, mãe de dois filhos e um enteado, a soldadora, que já foi manicure, caiu de pára-quedas na indústria naval, e acabou se encantando pelo setor. "Iniciei a profissão por necessidade financeira mesmo, só conseguia pensar na possibilidade de ter uma profissão e ganhar mais, de forma estável. Uma amiga minha, me falou sobre o potencial do setor naval, e ao lado dela fiz um curso de soldagem no Senai", diz.

Na sua sala de aula só havia duas mulheres (ela e a amiga), mas ao contrário da amiga, Maria Gilvaneide foi até o fim do curso, não se importando com o ambiente dominado pelo sexo masculino. Formou-se e fez um teste no estaleiro da Wilson Sons, no Guarujá. E, apesar da falta de experiência, foi contratada.

Há dois anos no estaleiro, a funcionária, conta que antes as mulheres sofriam muito preconceito por trabalharem em atividades de predominância masculina. Quando chegou na Wilson Sons só havia mais uma mulher além dela trabalhando no estaleiro, e hoje este cenário é bem diferente. "Quando avisei à minha família da decisão de ingressar na atividade, eles reagiram muito mal, não tive o apoio de ninguém. Meu pai me chamava de louca, ninguém acreditava no meu potencial. Como sou persistente e esse era o meu objetivo, segui em frente e hoje em dia eles têm o maior orgulho da minha profissão", conta a ex-manicure. ■

SUPERPESADOS COM TOQUE FEMININO

Mulher surpreende como operadora de guindastes

NÃO É NOVIDADE QUE há tempos as mulheres conseguem cada vez mais atingir cargos disputados no mercado de trabalho – funções que num passado não muito distante eram realizadas apenas por homens. Mas em São Luís (Maranhão), uma jovem de 23 anos surpreendeu.

Queiliane Dias Serejo trabalha como operadora de guindastes na filial maranhense da Irga, empresa do segmento de transportes de cargas superpesadas no Brasil. Ela deu início à sua carreira operando empilhadeiras e atualmente comanda um guindaste com capacidade para 25 tone-



ladas. “Fiz curso para operadora e gosto do que faço. Para mim é algo tão natural quanto dirigir meu próprio carro”, afirma Serejo com orgulho.

Sobre trabalhar numa função predominantemente realizada pelo sexo oposto, ela comenta: “Nunca me deixei intimidar e não tive medo de so-

frer preconceito por ser mulher. Esse tipo de coisa serve como válvula de incentivo!” E conclui elogiando a oportunidade dada pela corporação: “Agradeço à Irga por ter confiado a mim um cargo que dificilmente teria conseguido em outras empresas.”

Brasil...

Alcançando novas profundidades.

Por quase 30 anos, a Flotation Technologies vem criando produtos inovadores que auxiliam na exploração e produção de campos de petróleo e gás considerados há pouco tempo atrás inalcançáveis.

Com o Brasil liderando o mercado offshore, a Flotation Technologies está pronta a oferecer comprovadas soluções de flutuação para águas profundas.

Visite-nos no estande 3-0 na Rio Oil & Gas ou para saber mais contate brasil@flotec.com



**FLOTATION
TECHNOLOGIES**

Uma companhia com profundidade

Daslik do Brasil • Livia Folkerts
Av. Presidente Wilson, 164 - 12º andar
20030-010 - Rio de Janeiro - RJ - Brasil
Tel: +55 21 2103 7804

www.flotec.com

Flotation Technologies é um líder mundial no projeto, engenharia e fabricação de sistemas de flutuação para águas profundas usando Flotec™, uma espuma sintática de alta resistência, e elastômeros de poliuretano.